Vitrine do ócio

Poesias, crônicas, artigos e contos

João Ponciano

Prefácio: Pietro Costa

Brasília, 2018

DIAS, João Ponciano de oliveira.
Vitrine do ócio– João Ponciano de oliveira Dias – Brasília - DF, 306.
247 p.

ISBN:

1. Literatura brasileira - Memórias
I. Título. II. Vitrine do ócio

Copyright 2017 by João Ponciano de Oliveira Dias
Capa: Nonato Fontes
Revisão: Carlos Eugênio Rêgo
Prefácio: Pietro Costa
Design gráfico: Clube de Autores
Impressão gráfica: Clube de Autores

Todos os direitos reservados ao autor.
João Ponciano Dias – joaoponcianoescritor@gmail.com
Telefones: (61) 9 8383-8385

Todos os direitos desta edição reservados a: João Ponciano Dias
joaoponcianoescritor @gmail.com
A reprodução de qualquer parte desta obra é ilegal, e configura apropriação indevida de direitos autorais e patrimoniais do autor.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro à minha família, especialmente a mulher que me trouxe ao mundo – minha mãe, grande admiradora do que escrevo.
Ao meu pai já falecido, de quem tenho saudade.
A minha esposa com quem construí meu mundo.
Aos meus filhos, reflexo de um cristal por onde eu queria me ver.
E, finalmente, aos meus netos, a moldura desse cristal.
Estendo esta dedicatória também ao amigo Arthur Araújo Costa, aos colegas do meu tempo de EMATER, Casa do índio, FUNASA e a todos que me fizeram companhia no Paredão.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de me sentir em paz depois de uma boa caminhada pelas estradas da vida. Sei que sozinho eu não chegaria a tanto: Deus e a família têm sido meu fio condutor - meu norte por onde tenho passado.

Os amigos foram e continuarão sendo elo entre todas as coisas que me aconteceram. São eles a parede, o vento e a carona aos muitos acontecimentos em minha vida. Porém, de mim dependeu essa vontade salutar de escrever, transportando gestos ou um simples olhar disfarçado em amontoado de palavras que viraram estrofes, parágrafos até ao exercício pleno de minhas críticas como forma de participação social.

Daí, meus agradecimentos pelo que a vida me deixou escapar e, a sós, não poderia me nutrir para continuar esta árdua e prazerosa caminhada. Portanto, toda interferência aos passos dados na confecção do livro *Vitrine do ócio*, foram de bom alvitre.

DADOS BIOGRÁFICOS

João Ponciano de Oliveira Dias, roraimense nascido em 13 de fevereiro de 1951, filho de José Ponciano Dias e de Izabel Oliveira Dias, casado com Nilza Maria do Nascimento Dias, com quem tem três filhos: Jean Ponciano, Renier Ponciano e Renan Ponciano.

Exerceu a profissão de técnico Agrícola, na extinta ACAR-RR, ASTER-RR, EMATER-RR e Secretaria de Agricultura. Enquanto técnico, foi extensionista e chefe de escritório.

Graduado em Teologia – AM, 1993, e em Antropologia pela Universidade de Roraima, em 1997. Pós-graduado em Saúde Pública pela FioCruz, em 2000. Foi coordenador de Saúde Indígena do Estado de Roraima, no período de 2001 a 2003. Chefe do Distrito Sanitário Leste de Roraima-FUNASA de 2004 a 2007.

Coordenador substituto da FUNASA de 2006 a 2007, autor do livro Alto Alegre: Frente & Verso, pela Editora Edicon em 2004 e "Registro, Um varejo de mim", Editora Clube de Autores – DF, 2017. É Membro Correspondente da Academia Cruzeirense de Letras, DF.

APRESENTAÇÃO

Convido você ao deleite desta leitura, a fim de apreciar minha obra, o livro *Vitrine do ócio*. Antes, porém, sinta-se como se estivesse numa antessala onde apresento uma coletânea de poemas que tiveram início ainda nos meus tempos de estudante.

Atribuo esta exposição, a uma maquete construída de letras que deram origem aos títulos avulsos de meus versos, através dos quais me identifiquei como poeta.

Noutra sala, com um tom mais ousado, estão meus textos em forma de crônicas, artigos e contos, extraídos do dia a dia. São instantes épicos que pude transportar para o papel. São o que de fato mereceram de mim uma atenção especial.

Desta maneira, você, após visitar a vitrine, foi apresentado ao catártico modo de contar histórias que partiram de fatos reais. Em outras a própria razão se encarregou de trazer aos seus olhos o brilho das palavras. Porém, tudo que eu mais queria era fazer você saber que me encontro dentro do *Vitrine do ócio* que está em suas mãos.

PREFÁCIO

O bom escritor é, por definição, um vigilante tenaz ao que lhe circunda, tão imerso no cotidiano da vida, que se deixa levar pelo balanço de ondas criativas, ao surfar entre a seleção e o emprego das palavras, para que o seu poder imaginativo ascenda à superfície do papel ou da tela e materialize histórias, personagens, emoções, diálogos e convicções.

João Ponciano, nesse mister, sobreleva como uma insuspeita referência. Autor tomado pelo vigor e desenvoltura que a experiência lhe credencia, o estilo literário que pratica afigura-se eminentemente descritivo, albergando poesias e, sobretudo, crônicas.

Prestigiando diversas abordagens, Ponciano, por vezes, revela-se engajado no social, quando explicita, criticamente, as contradições do mundo moderno e as mazelas

sociais, como se vislumbra no poema "Sem Rosto", e nas crônicas "Rabo da Fila", "Retrato da Vida" e "Os Mortos Vivos".

Há momentos, não obstante, em que enaltece as peculiaridades do bairro onde mora – vide a poesia intitulada "Cruzeiro".

Também se põe a defender valores transcendentais e virtudes forjadas nas lutas democráticas, que evidenciam a posição superior máxima da dignidade do ser humano, em contraposição aos hábitos viciosos e apelos relativistas oferecidos pelo mundo, como o egoísmo e a soberba - é o que se depreende dos poemas "Apelo" e "O Amigo da Garupa".

Em derradeiro, não hesita em compartilhar circunstâncias e impressões afetas à sua origem, tradições da terra natal, vida social, convívio familiar, inclusive relatando, com fina ironia e humor perspicaz, a experiência no internato durante a adolescência e os desafios vivenciados na "terceira idade", como se pode observar pela leitura do poema "Sumário do meu Ginásio", e das crônicas

"Vale-Coleiras ou Boda de Grude", "Doce de Letras", "A Solidão do Pijama", "Inativa Idade", "O Mito Chicola", "Avosidade", "Funesta Solicitação" e "Pedaço de Vida".

Primorosa contribuição literária, a merecer nossa detida leitura!!

Brasília, janeiro de 2018.

Pietro Lemos Costa – Poeta, ensaísta, Membro da Academia Cruzeirense de Letras, Assessor Jurídico de 2ª Instância do Ministério Público da União, ex-Docente de Ciências Jurídicas. – **pietro_costa22@hotmail.com / pietrolemoscosta.blogspot.com.br**

SUMÁRIO

Parte I – Poemas

Oração
Amam-me ou deixa-me
Sorria
Sou
Vitória Régia
Minha canção
Aventura e perdão
Acróstico
Apelo
Sumário do meu ginásio
O fim
Onde andará
Por tuas férias
Renovado
Quando eu morrer
Saudade da saudade
Serei eu reconhecido?
Ausência
O silêncio do livro Canta
O amigo da garupa
Doce de letras
Cruzeiro
Sem rosto

Quando se fala de amor Dito isso

Parte II – Crônicas
Doce de letras
O que escrever
Minha caneta
De bem com a vida
Rabo da fila
Cinco minutos de agonia
O peso da camisa
A solidão do pijama
Inativa idade
Na fila dos idosos
Apagão
Vale coleira
Lixeira a tira colo
A crônica do meu jornal
Síndrome da vassoura
Os carrinhos de supermercado
O mito Chicola Navegando
Miragem no salão Sob
o luar
O Sapato do noivo
Os mortos vivos

O medo do compadre A
bola da vez
Língua de borracheiro
Fãs do Roberto
Passageiros da chuva
Perspectiva do reino
O perfume das
mulheres Por que
escrevo? Medo de falar
Funesta solicitação Vale
apena caminhar?
Leite mania
Dedicatória
Avosidade
Mensagem
O menino da quadra
Coisas de internato
Pedaço de vida

Parte III – Artigos

Desigualdade social
A numerologia do cidadão
Os Pacientes da CASAI
Imunes a vigilância
Função social do dente
Sob as asa da Força Aérea
É proibido proibir

Herança maldita
O destino dos ossos Justiça
avulsa Catequese da
evolução humana Por que
não um General?
Ojeriza a política
Carnaval, uma opção pessoal
A sétima arte
Na linha do Equador
Descontente
Porteira Alcoolemia

Parte IV – Contos

O vigia e o vigilante
Ossos do ofício
Amor bandido
O tamanho do buraco
Vexame no aeroporto
Perdidos no shopping
Natan & Fafá
O amor não morre
O vigia plugado

PARTE I - POESIA

1. Oração
2. Amam-me ou deixa-me
3. Sorria
4. Sou
5. Vitória Régia
6. Minha canção
7. Aventura e perdão
8. Acróstico
9. Apelo
10. Sumário do meu Ginásio
11. O fim
12. Onde andará?
13. Por tuas férias
14. Renovado
15. Quando eu morrer
16. Saudade da saudade 17. Serei eu reconhecido?
18. Ausência
19. O silêncio do livro
20. O amigo da garupa
21. Doce de letras
22. Cruzeiro
23. Cante
24. Sem rosto
25. Quando se fala de amor
26. Dito isso...

Oração

Dai-me, Senhor!
Uma dose do amor perfeito,
Para dar gratidão,
Ampliar minha coragem
E da coragem, germinar
Minhas virtudes
Por todo o
canto E por
todo o feito.

Ama-me ou deixa-me

Amor é fácil falar
Mas amar é difícil
Porque...
Quem já amou
Sabe o bom e o ruim
Pois amar é um verbo
Que eu...
Que eu conjugo assim:
Ama-me ou deixa-me
Que eu sozinho
Vivo bem sem ninguém
Nasci só e
sozinho Vou
morrer Sem
deixar minha
Saudade
também.

Sorria

Hoje somos a vida
Tal qual ela nos é.
Neste presente somos
semente Igual a um fruto e a
um passado. Portanto, vão-
se as forças, Vai-se a vida.
Vai-se um sorriso. Se
lentamente passa o
dia, Passa a noite
vagarosa.
Então...
Se a vida te sorrir,
Sorria também como eu.
Não deixe que ela por si
Perca a noção de sorrir.

Sou

Sou filho dos teus amores
Neto da tua saudade
Sou irmão da tua amizade
Inimigo dos teus horrores!

Vitória-Régia

Vede, amazonense
Vede...
A Vitória Régia,
O símbolo do teu torrão,
O emblema do Amazonas
Lá fora
E a glória do teu coração.

Minha canção

Minha vida nesse mundo
Não é fácil de narrar
Por isso muita gente
Vive a protestar
Do meu jeito de falar
Do meu jeito de viver
Você mesmo certo estar
Não importa se a jaqueta
Esteja limpa ou esteja suja
Quando ando por aí
De mochila e calça Lee
Onde chego não demoro
Nunca peço nem imploro
Que favor façam pra mim
Vou vivendo mesmo assim
Sem comida, sem bebida
Olho o céu como olho a
vida Tenho Deus no
coração Essa é minha
canção.

Aventura e perdão

Quando as cortinas se abrirem
E ao palco eu subir,
Cantarei para ela
Aquela canção.
Não importa onde esteja,
Meu Deus te proteja
Se não és feliz,
A culpa foi tua.
Não foi minha a culpa.
Você mesmo diz:
"Você me deixou
Quando eu precisava"
Perdão, meu amor,
Se ouso expressar-me
Por esta canção,
Pois dói em minha alma
Aventura e perdão.

Acróstico

Para todos a vida é um passatempo
Onde a esperança e a felicidade são gêmeas
Nem pelo simples fato de ser
Coube-me o prazer de conhecê-las
I nvestiram-me todo o eflúvio da vida
A ssim mesmo continuo ludibriado
Neste meu ermo sarcástico
Ou sigo como digo ou um perecer me
/ consegue.

Apelo

Pai, se estou na terra como pecador,
Não me arrependo desta minha sorte,
Porque sei que empresto o presente
Para comprar o futuro,
E o pago sorrindo com meu sofrimento.
Sei que mal posso agradecer
As vinte quatro horas que o dia me
consome. Minhas preces são tão longas
Que nem mesmo as sei de cor. Mas de
que me serviria eu rezar tanto, Se
nunca chego ao teu perdão?
Se há tanta gente a fazer o mesmo,
Tanto joelho que se dobra quando a
tarde vai E o perdão não vem?
Muitas vezes julgamos estar perdoados,
Mas o próprio coração condena,
Pois os erros que ingerimos com os olhos,
Com a boca e com as mãos,
São pecados com que já nascemos,
E vamos continuar pecando e morrendo

Se não aceitarmos um plano melhor
Que reflita o que somos
E o que representamos para o outro. Um plano
que assim fazendo, Deus possa nos ajudar.
Esqueçamos que lá fora,
Nossos vizinhos se desentendem, Que nossos
adversários Estão cada vez mais inimigos.
Do contrário, nosso sacrifício
Não compensa o pão que comemos.
Juntamo-nos em um só coração E rezemos o
"pão nosso de cada dia",
Para que o perdão nos venha a todos.
Esse perdão que todos julgam não tê-lo,
Uns por não ter o que comer,
Outros por não ter onde morar, E eu
por ter muito o que pedir.

Sumário do meu ginásio

O ginásio que lhes falarei
É um ginásio
Onde muito estudei,
Chama-se ele o
Agrícola, Vulgo nome
Paredão. Era o rei das
olimpíadas, O famoso
tricampeão.
Nas paradas do dia sete,
Em cadência não tinha
igual. Onde quer que
participasse Era sempre
o maioral.
Lá toda frase era em rima,
Por lá a morte passava por cima
Se surgisse uma conversa
Só se ouvia o mesmo
assunto, Lá não existia
mortalha Somente restava
um defunto.
De uma grande ribanceira

Muito acima do além, Caíram
vários colegas
Nunca morrendo ninguém.

Toda semana de arvoredo
Dois três estavam caindo,
Salvaram-se muito na sorte, Outros
brincavam com a morte.
Eu sei que era muito bom,
Porém muito arriscado,
De lá eu já saí,
Por pouco não fui picado.
Mas lá meus amigos ficaram
E por lá muitos ficarão Nunca
sendo xerife Delegado também
não.
Portanto, daí nunca falei
E, tão pouco falarei Digo
somente o que vi, Mas nunca o
que senti. Adeus, adeus meu
ginásio, Adeus ginásio meu.

Minhas coisas

No modelo moderno de meu quarto
Nada mais tem que uma pequena
Mesa de pinho, Sobre ela
um farolzinho Que se
apaga por ele sozinho.
Num canto minha caminha,
Consigo duas gavetinhas,
Onde porto um grande
santo.
Nas paredes se encontram
Minhas pequenas gravuras,
Frutos de minha pintura.
E, bem junto à porta,
Está teu grande retrato,
Onde com prática tirei De
um simples três por
quatro.

O Fim

Sinceramente, meu amor, Ouve bem o que vou dizer: Nosso amor foi tão bonito, Tão lindo quanto o infinito.
Portanto, minha querida,
A verdade vai saber!
Não posso mais namorar-te,
Desse jeito é impossível.
Tanto amor tiveste comigo,
Pouco tive eu contigo.
Aos encontros nunca faltei,
Por ti sempre sobrei.
Raríssimo foram os beijos que me deste,
Vários os que te dei.
Se me culpas tanto assim,
O autor do que tu dizes,
Não fui eu que assim quis.
Foste tu mesma a causadora
De não mais sermos felizes.

Onde andará

Onde andará que eu quero?
Quem eu quero, e de modo sincero.
Ser sincero só a mim.
Pois a moça do meu
sonho Ainda não pude
encontrar.
Mas, no dia em que encontrar
Saberei lhe demonstrar
Com carinho e com jeitinho
Um amor de passarinho.
Sei que dela saberei e de mim
Ela saberá o quanto vale uma
paixão, Uma paixão de esperar.

Renovado

Sim, em minha vida tua busca foi algo de extraordinário. Tua busca, em cuja procura, fez me encontrar no mais recanto e solitário desprezo, sendo vítima de um amor trucidado que mal chegou ao seu pináculo, mas que decaía enquanto eu me mortificava. E na decadência de meus anseios, antes que eu me visse, Teus olhos me viram primeiro, Apropriando-se de mim, Impondo-me paz, virtude e amor.
Tua busca me veio ocupar
Tudo àquilo que antes não era preenchido. Tua busca, hoje é chama de um amor ardente, A significar coisas belas e úteis.
Coisas que só um amor pode conter.